

Para Nada

Nele cabe tanta coisa, parece infinito fim.
E sei que lá está, desarvorado e frígido.
Talvez seja negro, transparente ou marfim...
Quem sabe se enfeie ou talvez seja bonito,
Posto nos traços de minha tez enrugada
E em meus olhos calados.
Em estado de graça, na madrugada,
Só ele me abraça o passado.

Ah, mas estes dias não se sustentam!
Deixando só as paredes,
À meia noite ele se ausenta
Levando o inverno que eu tinha.
E assim, de segundo a segundo,
Meu companheiro me doa à primavera,
Jasmim tonto de mundo,
E calma me acostumo ao que eu era.

Pergunto-me: onde guardaria tanto adeus?
Aqueles ausências fatídicas,
Amigas minhas e da esperança que o tudo me deu.
Naquelas varandas, mesmo triste,
Curvo os joelhos e o pensamento
E beijo o meu nada, grata porque ele existe
E manda lembranças, ainda que perto,

Do meu desejo que tudo no tudo existisse.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/para-nada-1>